

ARBORIZAÇÃO URBANA E PAISAGEM AFETIVA

Ivete Farah

Doutorado pelo PROURB/FAU/UFRJ

Professora Adjunta do PROURB – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo –
FAU/UFRJ e da FAU/UFRJ

RESUMO

A meta para constituição de cidades de baixo carbono inclui a busca de um desenho de cidade e ordenação de paisagem coerentes com a eficiência energética, mudança de estilos de vida e padrões de consumo. Nesse ponto, a questão da arborização urbana no projeto de paisagens é relevante, considerando a implementação de áreas arborizadas e a preservação de conjuntos vegetados existentes. A simples presença desses elementos na cidade representa uma contribuição: cem árvores podem remover do ar cinco toneladas de CO₂ e meia tonelada de outros poluentes por ano.

Nesse sentido, esta pesquisa se debruça sobre as árvores urbanas, destacando o aspecto simbólico e o estabelecimento de relações de afetividade da população com esses elementos. A intenção é investigar os valores relacionados à arborização nas cidades e sua participação na constituição de paisagens afetivas. Pretende-se indicar a convergência de valores ambientais e sociais, a partir do reconhecimento desses elementos e dos espaços que eles configuram, ou ajudam a configurar, como lugares de identificação com a paisagem, de estabelecimento de relações sociais e de afetividade.

Esperamos que esses estudos possam contribuir para a reflexão e para o desenvolvimento de projetos urbanos pautados em questões ambientais e sociais, que contemplem e valorizem os espaços afetivos da cidade, visando à preservação e ao incentivo para a arborização urbana.

ABSTRACT

An important instrument for the constitution of low carbon cities is the implementation of a city design and a landscape arrangement coherent to proceedings

in energy efficiency, changes in life style and consumption patterns. Concerning this subject, the urban forestry is an important issue in the context of landscapes and urban plans, providing tree planting in urban areas and the preservation of existing natural forests and ecosystems. The simple existence of those elements in the cities represents an important contribution: one hundred trees can remove from the air five tons of CO₂ and half a ton of other pollutants each year.

This research is about urban forestry, pointing out the symbolic aspect and the affective attachment between people and trees. The goal is to identify the urban trees values and its contribution to affective landscapes. We intend to highlight the convergence between environmental and social values, from the recognition of urban forestry and the sites created by trees, or the ones they help to create, as places that establish landscape identity, as well as social and affective relationship.

We hope that these studies can contribute for reflections and future urban projects concerned with environmental and social issues that include and value the affective urban places potentialities, looking for the preservation and incentive for urban forestry.

INTRODUÇÃO

A presença das árvores nas cidades representa ganhos ambientais significativos, seja em ecossistemas naturais, como florestas e matas, ou antrópicos, compondo a arborização de parques, praças, ruas e outros espaços livres da cidade, públicos ou privados. A simples presença desses elementos na cidade representa uma contribuição: cem árvores podem remover do ar cinco toneladas de CO₂ e meia tonelada de outros poluentes por ano (Thompson & Sorvig, 2008). A arborização das cidades é também um elemento importante na composição da estrutura verde das cidades, um dos caminhos para constituição de cidades sustentáveis.

Além desses ganhos ambientais, as árvores possuem valores estéticos, funcionais e simbólicos que são fundamentais para a paisagem. Neste trabalho, pretendemos discutir a contribuição dos aspectos sociais e imagéticos da árvore no sentido da preservação ambiental. Compondo duas das bases do tripé da sustentabilidade, as questões ambientais e sociais devem estar articuladas. A conscientização da população é fator fundamental na manutenção de condições

ambientais favoráveis e para a preservação de árvores, corpos d'água e ecossistemas naturais. Os elos criados entre os habitantes da cidade e as árvores urbanas podem representar importante fator de busca pela manutenção desses elementos na cidade, tanto pelos laços afetivos que se estabelecem entre estes, como pela consciência da sua função e apego aos ambientes criados a partir da presença das árvores na cidade. Dessa forma, propõe-se o estudo dessas relações de forma a melhor compreendê-las, auxiliando na sua utilização como elementos e ferramentas de base para intervenções projetuais. Espera-se que essas relações possam ser consideradas e valorizadas em projetos paisagísticos e urbanos, gerando ambientes que promovam a identificação com população e a potencialização dos elos entre os habitantes e a paisagem.

A pesquisa que vem sendo desenvolvida no PROURB – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ¹ forneceu a base dos dados e informações aqui apresentadas². Nesse sentido, apresentaremos, inicialmente, o desenvolvimento dessa pesquisa, apontando as questões teóricas e metodológicas envolvidas. Em seguida, abordamos, a partir dos subsídios gerados por esse material, as análises a que nos propomos neste artigo.

ESPECTRO DE AÇÃO DAS ÁRVORES

Na citada pesquisa sobre árvores urbanas, temos buscado investigar a participação da arborização na paisagem da cidade do Rio de Janeiro ao longo de sua evolução urbana, destacando os diversos aspectos que se relacionam à sua presença, como configuração espacial, significados simbólicos e a relação estabelecida com os cidadãos. Nesse contexto, algumas espécies que se destacam na paisagem da cidade são estudadas, considerando a componente histórica de sua introdução na paisagem, assim como os projetos nos quais se inserem, ressaltando os significados que possuem para a população, sua representatividade para a cidade do Rio de Janeiro e contribuição no estabelecimento de uma identidade urbana.

¹ Título da pesquisa: "A vegetação na Evolução Urbana da Cidade do Rio de Janeiro: elemento configurador, simbólico e poético na paisagem", coordenado pela autora. O projeto recebeu financiamento da Faperj através do edital Primeiros Projetos.

² Informações complementares provêm da pesquisa "Arborização Urbana em Paraty", desenvolvida pela autora no contexto do projeto de extensão universitária do Prourb, no Município de Paraty: "Análise, Ordenação e Projeto da Paisagem", coordenado pela Prof^a. Raquel Tardin, no quadro do projeto UFRJ-Mar.

A pesquisa tem como principal objetivo revelar o amplo espectro de ações sobre a paisagem das cidades relacionadas às árvores urbanas, envolvendo múltiplos aspectos - espacial, ambiental, histórico e simbólico, analisando-os de forma conjunta, observando-se que as questões relacionadas ao uso do espaço, definido pela vegetação ou envolvido por ela, são consequência não apenas de uma constituição físico-espacial, mas de um conjunto de fatores que se relacionam. A partir do estudo de diversas árvores de destaque na cidade, a intenção é promover um quadro abrangente sobre a presença das árvores na cidade do Rio de Janeiro, a partir de espécies representativas, apontando para a diversidade do seu papel na paisagem urbana.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foram definidos dois eixos organizadores das análises, buscando explorar a complexidade do tema abordado: o eixo estrutural e histórico e o eixo fenomenológico. O **eixo estrutural e histórico** fornece a base de informações sobre introdução e disseminação de espécies arbóreas na cidade do Rio de Janeiro e seu uso paisagístico, assim como a análise da interação da arborização com a morfologia urbana, observando os aspectos de sua transformação ao longo do tempo. Vemos como as características morfológicas das espécies arbóreas e as diferentes composições paisagísticas utilizadas podem contribuir para o seu destaque na paisagem e a relação dessas características com a estrutura das cidades, interferindo na forma urbana e na interface com diversas tipologias de espaços livres. Esse estudo parte da compreensão de que a arborização é um elemento fundamental na ordenação da paisagem urbana, como defende Stefulesco (1993), e não um mero componente estético.

No **eixo fenomenológico** são discutidos os valores e significados que as árvores, considerando as diferentes espécies, representam para os habitantes urbanos, explorando os elos afetivos que se estabelecem a partir da presença desses elementos vegetais nas cidades. Tendo os estudos realizados sobre a poética das árvores por Farah (2008) como importante referência, a intenção foi de realizar um **mapeamento afetivo** da paisagem através das árvores, buscando estudar espécies e exemplares que têm um forte apelo simbólico para a cidade, contando a história local e que, dessa forma, atravessam o tempo e a transformação urbana. Para essa abordagem mais sensível dos estudos urbanísticos e paisagísticos, o pensamento fenomenológico se coloca como fundamento de grande valia, buscando ir além do

visível, alcançando a transparência do imaginário (Merleau-Ponty, 1964). Esse eixo apontou para os significados das árvores a partir de quatro categorias principais: memória, símbolo, identidade da paisagem e representação da natureza (Farah, 2006).

Na categoria memória, a árvore se destaca na sua capacidade de fixar paisagens, eventos, emoções e até pessoas. Segundo Sansot (1995, p.156), a memória se dirige “em função de uma determinada aura, solicitada por um determinado registro de sons, uma determinada luminosidade ou uma determinada tonalidade afetiva”. As árvores apresentam uma aura característica que serve como depositária dessa carga memorial. Reminiscências da infância, de paisagens de cidades natais, são trazidas à lembrança, recuperando a ambiência do lugar. A segunda categoria refere-se à carga simbólica intensa e múltipla (Brosse, 2001; Eliade, 1957) que as árvores carregam. Na paisagem urbana, ela é depositária de significados variados, auxiliando nas conexões e associações dos habitantes, representando um elemento fundamental no estabelecimento de elos entre estes e a cidade. A terceira categoria diz respeito à propriedade da árvore emprestar sua aura ao lugar, podendo caracterizar uma paisagem urbana. É quando o *genius loci*, a alma do lugar, de que fala Norberg-Schulz (1979), é tomado pelo caráter de uma determinada espécie, isolada ou em conjunto. Na cidade do Rio de Janeiro, são diversos os lugares que são reconhecidos pela presença das árvores, conferindo-lhes uma identidade particular. Por fim, temos a árvore como um dos principais representantes da natureza nas cidades.

METODOLOGIA

A estrutura metodológica da pesquisa consistiu na coleta de dados e sistematização dos mesmos a partir da criação de um banco de dados de espécies vegetais, utilizado como base para a análise. A coleta de dados informativos é dividida em dois grupos diferenciados. O primeiro grupo diz respeito àqueles que darão suporte às informações de ordem histórica, referentes à introdução das espécies vegetais mais representativas da paisagem do Rio de Janeiro no ambiente urbano, compreendendo texto e iconografia. Essa fase correspondeu a um levantamento detalhado tanto de fontes primárias, entre relatórios, projetos e listagens de espécies

em hortos municipais, como da bibliografia já produzida a esse respeito. O segundo grupo de dados diz respeito aos coletados através da realização de entrevistas e pela internet, assim como os gerados pela observação de campo e pelo estudo histórico da evolução dos bairros. Pelo teor dos dados manipulados e dos objetivos a serem alcançados, os métodos utilizados foram de caráter qualitativo, buscando um maior aprofundamento nas questões analisadas. Esses métodos são os que se apresentam mais adequados à investigação das questões de valor e significado e de constituição do imaginário urbano, fundamentais para a nossa pesquisa (Eyles, 1992).

O banco de dados foi montado a partir da elaboração de fichas informativas por espécie visando uma sistematização do material coletado, provendo condições de análise do mesmo. As informações necessárias ao estudo das espécies citadas na pesquisa foram sintetizadas para inclusão nas fichas. Os dados indicados nas fichas correspondem à identificação da mesma, como nome científico, nome vulgar, família, origem e principais características morfológicas (porte, floração, frutificação), informações históricas e de relações simbólicas, características do uso paisagístico verificado, além de dados sobre o momento de inserção na paisagem urbana e o local ou projeto paisagístico. Essas fichas permitem a análise para o estabelecimento de relações entre as características da espécie e seu uso paisagístico, ou ao significado adquirido na paisagem e ainda seu impacto e valor para a cidade do Rio de Janeiro. As fichas foram montadas em arquivo Word sendo, posteriormente, transpostas para programa Corel, facilitando a inclusão das fotos das espécies na paisagem urbana e mapas de localização, recebendo uma diagramação mais elaborada.

A pesquisa incluiu a realização de entrevistas com os usuários das áreas estudadas e habitantes da cidade, para as quais foram elaborados tópicos - “*check-list*” para assegurar que todos os pontos de interesse fossem aventados, mas de forma a garantir a fluidez de conversação com os entrevistados, visando à qualidade das informações transmitidas. As entrevistas foram gravadas e transcritas, para que as informações pudessem ser analisadas detalhadamente. As entrevistas tiveram como objetivo aferir indivíduos arbóreos ou espécies que se destacam na percepção da população, assim como valores e significados. A seleção dos entrevistados partiu inicialmente de presidentes de associação de moradores ou pessoas de destaque nas comunidades, que por sua vez indicavam outros habitantes a serem entrevistados, além de profissionais da administração pública.

A metodologia incluiu também a criação de um *blog* na internet com o tema Árvores Cariocas (<http://arvorescariocas.blogspot.com>), com a intenção de recolher informações sobre os interesses da população com relação a determinadas espécies ou indivíduos da cidade, recuperar sua história e elos afetivos. A intenção é que essa ferramenta seja útil nos dois sentidos da troca de informações, ou seja, colaborar na coleta de dados e, ao mesmo tempo, ser veículo de transmissão dos resultados e informações geradas na pesquisa. Esse método foi recentemente incorporado à pesquisa, tendo exigido longo tempo para sua criação, elaboração e implementação. A utilização desse método para a pesquisa tem sido uma peça chave na continuação da coleta de dados, não apenas a partir das informações deixadas nele pela população, como também através dos contatos que possam ser realizados com habitantes para realização de futuras entrevistas e visualização da pesquisa por comunidades interessadas no tema, alargando consideravelmente o espectro dos entrevistados e as contribuições à pesquisa.

A escolha das espécies vislumbradas no estudo é decorrente de diversas análises realizadas ao longo da pesquisa. A primeira seleção foi gerada a partir da bibliografia sobre arborização na cidade do Rio de Janeiro. A partir daí, os dados levantados geraram informações sobre a representatividade dessas espécies na paisagem. Outros indicadores para essa seleção incluem artigos de jornal destacando exemplares, documentos poéticos e a citação nas entrevistas de elementos arbóreos representativos. A experiência da pesquisadora no tema de vegetação urbana, a partir de seus próprios trabalhos e reflexões anteriores, também foi de grande contribuição na etapa preliminar da seleção das espécies.

O PAPEL SOCIAL E AMBIENTAL DAS ÁRVORES URBANAS

A presente pesquisa tem nos levado à verificação do amplo espectro de temas que envolvem a presença das árvores nas cidades. Todas as questões apontadas revertem, por fim, ao extenso papel social das árvores, resultante de todas as benesses que esses elementos representam para a paisagem da cidade. Nossa intenção nesse artigo é apontar para a relação desse papel social com o fato das árvores contribuírem para criação de paisagens afetivas. Entende-se por paisagem

afetiva “aquela que tem a capacidade de atrair, envolver e emocionar os habitantes urbanos” (Farah, 2006, p.160).

Ressaltamos dois caminhos principais que levam à contribuição das árvores para a criação de paisagens afetivas. O primeiro é a partir da configuração particular dos espaços pela estrutura física das diferentes espécies arbóreas e o segundo diz respeito aos significados imagéticos inerentes às árvores – temporais, memoriais, simbólicos e históricos.

Com relação à configuração do espaço definido por árvores, vale ressaltar que a sua ambiência deve-se inicialmente à morfologia das espécies arbóreas e sua estrutura física resultante, definindo lugares com características particulares, que também são afetados pela disposição entre os vários indivíduos e a articulação de diferentes espécies. Entretanto, como apontamos anteriormente, o ambiente criado pelas árvores no espaço urbano, de forma isolada ou em conjunto, vai além da estrutura morfológica de cada espécie. O caráter de unicidade e de identidade gerado no ambiente é complementado pela aura de cada espécie arbórea (Farah, 2008), fator invisível que é fundamental na influência e facilitação da interação e identificação dos habitantes com a paisagem. É o que Stefulesco (1993) chama de temperamento das árvores, a vibração que emana de cada espécie a partir do conjunto de sua arquitetura e demais particularidades. Essa aura pode ser também a responsável pela simpatia que desperta em um ou outro habitante urbano, direcionando as preferências pessoais.

Os valores imagéticos - temporais, memoriais, simbólicos e históricos -, citados anteriormente, dizem respeito desde valores inerentes à árvore e ao seu arquétipo, como os que são associados a elas a partir das vivências urbanas, pela estrutura social e cultural e pelas transformações no tempo e no espaço. O conjunto desses valores, sejam os definidos pela estrutura espacial, sejam os imagéticos, são responsáveis pela configuração de paisagens afetivas que se apresentam aos habitantes da cidade como lugares especiais, com significados pessoais ou para coletividades. As atribuições desses valores às árvores e espaços por elas configurados fomentam uma atenção especial da população para com a sua permanência e manutenção em bom estado. Eles passam a ser considerados de forma diferenciada na cidade, fazendo parte do seu cotidiano, despertando emoções. O estabelecimento de um sentimento afetivo relacionado a árvores e lugares

arborizados representa uma razão efetiva para o engajamento da população pela manutenção desses elementos e espaços vegetados, concorrendo para a qualidade ambiental das cidades.

PAISAGENS ARBORIZADAS, PAISAGENS AFETIVAS

A pesquisa sobre as árvores e a paisagem do Rio de Janeiro tem apontado para a identificação de paisagens arbóreas com significados particulares para os habitantes e para a cidade como um todo. São inúmeras paisagens com presença de árvores que se destacam na cidade, para as quais é possível aferir significados seja pela sua importância histórica, por símbolos que representam, por memórias que evocam para pessoas e para a coletividade, seja pela definição de lugares considerados especiais para a população.

A aleia de sapucaias (*Lecythis pisonis*) do Parque da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão (figura 1), carrega algo mais do que a importância de um plantio de um projeto paisagístico do século XIX, estabelecendo conexões de representatividade da paisagem da cidade. O plantio já se destacaria somente pela escolha de Glaziou de uma espécie da flora brasileira para compor a aleia do parque de maior destaque. O paisagista foi precursor do uso de espécies nativas em seus projetos, num momento em que o mais usual era a utilização de plantas vindas de outros lugares do mundo, imperando o gosto e a valorização pelo exótico, estabelecidos desde a época do Brasil Colônia. Nesse contexto, Glaziou se destacou pela atenção dada à vegetação nativa, realizando estudos em ecossistemas naturais com coletas *in loco*, reveladas ao mundo em publicações da *Flora Brasiliensis*, e, ao mesmo tempo, tornando-as conhecidas do público pela sua inserção nos projetos paisagísticos por ele elaborados (Cunha, 2007). Além dessa importância histórica, a aleia de árvores que marca o eixo de acesso de entrada do palácio, solicitada pelo próprio Imperador (Terra, 2000), transformou-se em símbolo do Império e de um momento histórico do país, sintetizando os valores simbólicos do parque.



Figura 1: Aleia de sapucaias na Quinta da Boa Vista.
Foto: Ivete Farah.

Na Glória, uma figueira se destaca na conformação de um espaço de grande representatividade para o bairro. O evento semanal da associação de moradores, que ocorre aos domingos junto à tradicional feira livre, localiza-se sob uma árvore de grande porte pertencente à espécie *Ficus religiosa* (figura 2). O pagode, constituído por músicos tocando samba ao redor de uma mesa, aos quais vão se juntando espectadores que, na informalidade da apresentação, acompanham cantando as músicas, chegou a acontecer em outro ponto da praça, mas ao se decidir a mudança de local, o espaço sob a figueira se apresentou como uma ótima opção. Depois de consolidado o espaço, os integrantes da associação surpreenderam-se ao descobrir a coincidência com um dos nomes vulgares com a qual a árvore é conhecida: figueira-dos-pagodes, reforçando o simbolismo da árvore na representação do evento, não apenas configurando o lugar para o encontro dos habitantes do bairro e dos fregueses da feira, mas também atuando como referência e reforçando o sentido para o acontecimento. Apesar da diferença das significações do termo pagode de acordo com as suas origens – templo budista na Índia, local de onde a árvore é originária e é considerada sagrada, e estilo de música no Brasil -, a coincidência associa ainda mais o evento à figueira, tornando-os indissociáveis: o pagode da figueira e a figueira do pagode.



Figura 2: Samba no bairro da Glória sob a figueira. Foto: Thá Guedes.

Os significados pessoais dão uma cor especial à paisagem. Para um morador entrevistado da comunidade Borda do Mato, no Grajaú, os tamarindos (*Tamarindus indica*) têm um significado particular (figura 3). Na sua infância, ele costumava subir nas árvores para pegar seus frutos. É uma agradável lembrança para ele ver a espécie espalhada por várias ruas do bairro. Tanto ele, como para os presidentes das associações de moradores da Borda do Mato e do Grajaú, o tamarindo é a árvore que representa o bairro. A paisagem do bairro, fortemente caracterizada pela árvore, se torna um ambiente familiar, facilmente reconhecido como a paisagem cotidiana de seus moradores.



Figura 3: Fileira dupla de tamarindos no canteiro central em rua no Grajaú.
Foto: Ivete Farah

Em outra pesquisa desenvolvida sobre árvores urbanas, no município de Paraty, observou-se um aspecto interessante sobre a relação da população com as árvores, que apresenta um viés social e ambiental de grande importância. Diz respeito ao emprego da árvore em obras de arte por artesãos e artistas. Utilizando partes da árvore, a prática não significa perigo para a preservação ambiental, já que trabalha com o que é deixado na natureza dessas árvores: folhas e galhos que caem e troncos de árvores que morrem. Ao contrário, a obra desses artistas divulga as espécies e enaltece a sua beleza a partir da criação e interpretação humanas. Artistas fazem uso principalmente de vegetação da Mata Atlântica, propagando-a através de suas obras. Dois artistas entrevistados para a pesquisa utilizam espécies nativas, entre elas o guapuruvu (*Schizolobium parahybum*) (figura 4), a embaúba (*Cecropia sp*) e a palmeira indaiá (*Attalea dubia*). Essa vegetação adquire para esses habitantes um significado único, construído a partir de uma constante observação e inspiração pela matéria vegetante. A obra dos artistas tem também seu caráter local reforçado,

representando elementos vegetais característicos da paisagem, o que intensifica a identidade como obras culturais características da região.

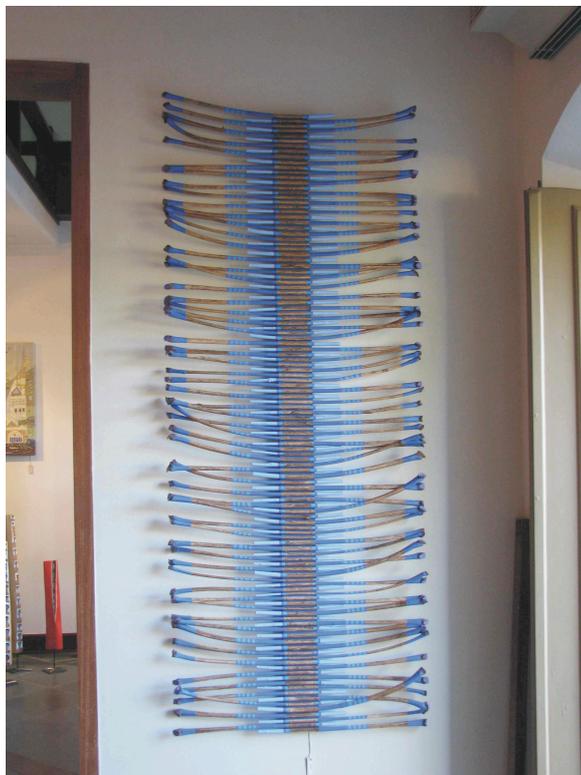


Figura 4: Obra da artista plástica Patrícia Sada: o uso de árvores da região dá um tom local a sua obra e um sentido ambiental.

Outra forma na qual se pode verificar a incorporação de valores afetivos em relação à paisagem é a participação comunitária. O envolvimento da população em atividades que contribuem para a construção da paisagem auxilia na criação de elos, estabelecendo vínculos mais intensos entre a população e lugares da cidade. A participação da comunidade em plantios e reflorestamentos, por exemplo, não tem apenas a vantagem de viabilizar a atividade, facilitada pela diminuição dos gastos com mão de obra, concorrendo para agregação de valor àquele espaço e à vegetação. O plantio de árvores tem um sentido simbólico de representatividade no mundo daquele que planta. A árvore plantada, que surge de uma semente ou pequena muda, se transforma num ser de grandes dimensões e com papel urbano e ambiental considerável. O plantio atribui àquele que planta a responsabilidade pelo seu feito, passando a ter participação nas suas ações positivas para o ambiente. Schama (1995,

p.6) ressalta o significado simbólico do plantio de árvores, indicando-as como “o nascedouro das nações, o início da habitação”, o que leva à compreensão do sentido de civilidade e de identificação com a paisagem de seu país, de sua região. Trabalhos como o realizado no projeto de recuperação ambiental do morro do Pão de Açúcar (<http://www.paodeacucarverde.blogspot.com/>), no Rio de Janeiro, contando com a participação de voluntários no replantio de áreas devastadas, indicam o engajamento da população pelo meio ambiente e pela paisagem natural da cidade, atuando e interferindo de forma ativa na sua recuperação.

Na cidade de Santo André, no estado de São Paulo, a participação comunitária incluiu a realização de mutirões onde a população atuou na construção de praças de seus bairros, num trabalho de reconstituição ambiental importante, recuperando vegetação de margens de rios e nascentes, tirando partido desses ambientes na paisagem urbana (Costa *et al*, 2007). Além da conscientização e educação ambientais que essa participação gerou, os lugares criados com essa atividade passam a ter um significado diferenciado, como uma consequência de esforço próprio, adquirindo valor especial.

CONCLUSÃO

Pensar em árvores nas cidades é fornecer espaços atraentes e agradáveis para os cidadãos, garantir ecossistemas naturais, buscar melhores condições de qualidade do ar, gerar referências simbólicas, trazer poesia e dinâmica para a paisagem, permitir melhores temperaturas e compor a infra-estrutura verde, auxiliando na drenagem urbana e na provisão das condições de vida da fauna. O planejamento da arborização urbana deve passar por uma postura sensível na observação dos valores que esses elementos representam para a população em seus diversos aspectos. Dessa forma, a presença das árvores pode ser potencializada, tendo as relações destas com os habitantes e seus significados considerados nos projetos, contribuindo para a preservação das mesmas.

Nossa proposta neste ensaio foi, partindo de uma pesquisa desenvolvida sobre o tema dos valores das árvores urbanas, propor uma reflexão sobre a contribuição desses valores para a constituição de paisagens afetivas e ressaltar que essas questões consideradas em projetos urbanos e paisagísticos podem

potencializar a preservação da arborização das cidades, congregando aspectos ambientais e sociais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio da Faperj, que forneceu subsídios para a pesquisa através do Edital Primeiros Projetos e ao Cnpq/Pibic/UFRJ, através de bolsas de auxílio para a participação na pesquisa de alunos de graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROSSE, Jacques. **Mythologie des Arbres**. Paris: Petit Bibliothèque Payot, 2001.
- COSTA, Lucia; FARAH, Ivete; BOUCINHAS, Caio. "Dialogue Processes in Landscape Design". **ISoCaRP Congress - Urban Dialogues: Co-productive ways to relate visioning and strategic urban projects**. Congress Papers. Antuérpia, Bélgica, 19-23 Setembro. ISoCaRP, 2007. CD-Rom.
- CUNHA, Miguel Gastão da. "O Extraordinário Glaziou". **Leituras Paisagísticas: teoria e praxis – Tradição e Renovação : a contribuição de Glaziou para a memória do paisagismo no Brasil**, Rio de Janeiro, n°. 2, p. 46-59, 2007.
- ELIADE, Mircea. **Mythes, Rêves et Mystères**. Paris, Gallimard, 1957.
- EYLES, John. "Interpreting the Geographical World: Qualitative Approaches in Geographical Research". In: EYLES, John; SMITH, David (ed.). *Qualitative Methods in Human Geography*. Cambridge: Polity Press, 1992. p. 1-16.
- FARAH, Ivete. **Poética das Árvores Urbanas**. Rio de Janeiro : Ed. Mauad, 2008.
- FARAH, Ivete. "Rio de Janeiro e Árvores Urbanas: Uma Paisagem Afetiva". In: PINHEIRO MACHADO, Denise B. (org.) **Sobre Urbanismo**. Coleção Arquitetura e Cidade. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Editora/Editora PROURB, 2006. p.159-173.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Le Visible et l'Invisible**. Paris: Éditions Gallimard, 1964.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Towards a Phenomenology of Architecture**. Nova York: Rizzoli International Publications, 1980.
- SANSOT, Pierre. "L'affection paysagere". In: ROGER, Alain (dir). **La Théorie du Paysage en France (1974-1994)**. Seyssel : Editions Champ Vallon, 1995. p.153-167.

SCHAMA, Simon. **Landscape and Memory**. New York: First Vintage Books Edition, 1995.

STEFULESCO, Caroline. *L'Urbanisme Végétal*. Paris: Édition Institut pour le Développement Forestier, 1993.

TERRA, Carlos. **O Jardim no Brasil do Século XIX: Glaziou Revisitado**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2000.

THOMPSON, J. William ; SORVIG, Kim. **Sustainable Landscape Construction: a guide to green building outdoors**. Washington: Island Press, 2008.